

atividade com desequilíbrio. Optamos por fazer bem aquilo que tínhamos condição...

— Selena – aparteu Dona Modesta – seja fiel à verdade. Optamos ou optei?

— Sim, é verdade... Foi uma opção pessoal. No fundo, ninguém mais concordava...

— Opção ou imposição?

— Imposição.

— Imposição pessoal. Esse é o registro em sua ficha reencarnatória. Angélica fez o que pôde para dissuadi-la. De fato, para evitar o abuso, são necessárias medidas disciplinadoras, mas não exterminadoras ou irredutíveis. Que se preparasse o médium. Interrompesse o intercâmbio por algum tempo e depois regressasse com mais tranqüilidade e equilíbrio. Isso, o ideal.

— E agora, o que será do “Paulo e Estêvão”?

— Espera-nos muito trabalho para “limpar a área”.

16

O Servo de Todos

“Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande, seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo.”

Mateus, 20:26

— Sinto-me como se a vida física não tivesse existido ou fosse curta demais. Seus esclarecimentos causam-me um profundo estado de frustração. Os méritos que supunha possuir parecem estourar como frágeis bolhas de sabão!

— Não é esse o meu propósito!

— Eu sei! Eu sei... mas tenho consciência de que realmente desperdicei muitas oportunidades...

Percebendo o olhar triste de Selena, Dona Modesta ponderou:

— Qual de nós, no presente estágio de evolução, não peregrina pela negligência, pela desatenção no uso das oportunidades e das nossas habilidades?

— Esse enfoque faz-me experimentar ainda mais a sensação de que uma vida dedicada ao Espiritismo nada cresceu em minha alma.

— É um juízo comum nos primeiros tempos do desencarne. Raríssimos escapam dessa vivência angustiada.

— Será que o trabalho doutrinário teve alguma

⁽¹⁾ Mateus, 10:16.

utilidade real? Que diferença faz ser espírita, afinal?

— Essa é uma pergunta clássica em nossa Casa de Amor. Somos doentes complexos. O que nos distingue dos demais enfermos nos hospitais da Terra é o anseio pela cura. Consideremos, entretanto, que essa aspiração superior, freqüentemente, não ultrapassa o ato de admitirmos racionalmente nossas enfermidades. Nem sempre identificamos pelo coração a extensão das necessidades de aprimoramento. Nossa virtude consiste em estarmos sinceramente arrependidos do mal praticado outrora. Quem genuinamente se arrepende, fortalece as intenções enobrecedoras. Quando passamos a sentir nossas necessidades de aprimoramento, as aspirações sinceras da alma fluem como se o dique que as represava abrisse suas comportas.

— Fui péssima dirigente! Antes não tivesse tanta capacidade de enxergar com perspicácia!

— A perspicácia, minha filha, é habilidade extremamente útil. O problema é nossa formação moral, nossos ímpetos.

— Ímpetos?

— Vou lhe contar algo pessoal. Fui uma mulher perspicaz. Trazia comigo essa bagagem da inteligência de várias outras experiências carnis. Todavia essa conquista, desprovida da compaixão, é facilitadora da vaidade, quiçá do interesse pessoal. Regrada pela tolerância incondicional e pela ausência de preconceitos, é promotora do progresso, rompendo os densos véus da ilusão.

— A senhora não me passa a impressão de uma mulher perspicaz. Age com tanta discrição e simplicidade. Os perspicazes adoram se salientar.

— Estou aprendendo a transformá-la em virtude.

— De que forma?

— Quando a perspicácia é dosada de personalismo,

transforma-se em astúcia, prepotência e instrumento de domínio, características básicas da arrogância, e a arrogância é o traço moral mais palpável do egoísmo humano. Por outro lado, essa habilidade intelectual incentiva a criatividade, a percepção de futuro e a síntese que, sob as lentes da moral, promove o avanço. Jesus, dotado de excelente perspicácia, preveniu a Pedro sobre a negação, alertou a Judas sobre a traição, colocou a multidão diante de sua consciência quando iam apedrejar a pecadora, percebeu os valores do publicano Zaqueu, considerado um larápio pelo povo, e focalizou a virtude em Saulo por sondar-lhe a alma amante dos valores espirituais. Graças à Sua incomparável compaixão, acolheu Pedro diante da culpa, isentando-lhe de julgamentos, socorreu Judas nos umbrais da erraticidade, orientou a mulher adúltera a não pecar mais, prestigiou as intenções de Zaqueu acima das convenções mundanas e convocou Saulo para o serviço redentor. Perspicácia sem amor é corrosivo nas relações sinceras e nos projetos de espiritualização.

— A senhora me perdoe o desabafo, mas há certas pessoas que...

— Que?...

— Se não tivermos muita atenção, elas tomam conta do trabalho e nos deixam para trás. Mais a mais, na condição de mulher responsável, procurava zelar pela tarefa que me fora entregue, fazendo o melhor que podia.

— E de quem é o trabalho, minha filha?

— Do Cristo.

— Então, por que essa preocupação? Se nos deixarem para trás, certamente o Cristo, que sabe de nossas reais necessidades e de nossos escassos valores, não nos deixará. No fundo, sua atitude traduz o espírito da competição, Selena.

— É o que costumava sentir nas pessoas que me cercavam. Como se elas competissem comigo o tempo todo!

Isso me obrigava a criar sempre alternativas de defesa para o trabalho.

— E você não competia com elas? – falou a benfeitora com bondade nas palavras.

— De jeito nenhum!

— Equívoco, minha filha! Grave equívoco da ilusão humana ainda pertinente à maioria de nós, os seguidores de Jesus!

— Equívoco?! Porventura a senhora acha que competi na tarefa? – pretextou Selenia com receio do que ouviria.

— Os discípulos sinceros da mensagem cristã não de possuem abundante humildade para aceitar em si mesmos que, por mais valorosos sejam os nossos esforços na senda do bem, inevitavelmente, em razão dos reflexos milenares, ainda guardamos severo espírito de competição. À luz do espírito imortal, quem se declara distante da atitude de arrogância demonstra desconhecimento ou prefere ignorar quanto ainda somos dominados por seus ímpetos, que assumem máscaras diversas, quais sejam: prepotência, autoritarismo, ciúme, controle, teimosia, julgamento, apropriação da verdade e inveja.

— Mas Dona Modesta, eu amava as tarefas que fazia. Como falar em competição?

— O amor que começamos a dedicar ao bem não é capaz de excluir totalmente nossas tendências milenares. A luz e a treva digladiam em nossa intimidade. Não esqueçamos igualmente, minha filha, que podemos amar as atividades, no entanto a competição ocorre mesmo é nas relações uns com os outros.

— Nunca me imaginei arrogante ou competindo. Nunca me vi desse modo. Se alguém na Terra me falasse isso, jamais aceitaria. Na verdade, não me sinto convencida mesmo com a sua explicação tão lúcida.

— Essa é uma das características psicológicas dessa

enfermidade moral. Estamos tão habituados a ela que não sabemos mensurar seus efeitos em nossa vida. A arrogância é o mais envelhecido sentimento do período da razão, amplamente vinculado em suas origens ao instinto de posse. Daí surge o impulso da competição, essa fria assassina da fraternidade. De alguma forma, competir é uma atitude natural e necessária ao progresso. Porém, sob indução da vaidade e do orgulho, assume feições destrutivas, psicopáticas. A arrogância é a excessiva valorização de si, cujo reflexo mais proeminente na convivência é a competição e o julgamento.

— E a senhora ainda me diz que morrer tem suas vantagens!... Não consigo, honestamente, perceber-me nessa condição. Minha cabeça admite o que a senhora coloca. Meu coração, porém, nada me diz. Sinto-me distante dessa realidade.

— Selenia, querida companheira, dispa-se das ilusões! – externou com sua sabedoria a servidora uberabense.

— Ilusões?...

— Essa “radiografia moral” é pertinente a todos nós e não é só de uma existência, mas de várias. A arrogância é o traço mais antigo de nossa personalidade perdulária e rebelde. O serviço de descobrir seus traços em nós próprios demanda, por vezes, dores acerbadas e experiências marcantes nas relações humanas.

— É muita notícia ruim para um só dia! Isso é jeito de tratar uma convalescente? – externou a aprendiz em tom conformista e humorado.

— Como é bom descobrirmos tais doenças da alma quando estamos internados. Pobres daqueles que a descobrem nos “infernos” onde há escassez de acolhimento e desconsideração pelas nossas intenções legítimas.

— A senhora acredita que eu deveria ter me abdicado de minha perspicácia para acertar mais? Ser mais discreta, calada?...

— Ninguém deve se abdicar das habilidades que possui como conquista, apenas educá-las à luz do Evangelho. Quando lhe disse que fui uma mulher muito perspicaz, em verdade, estagiei longamente nos desatinos da arrogância. Até hoje, há quem me deteste por aqui e na Terra, em razão de meus ímpetos nem sempre educados.

— A senhora?!

— E por que não? Falhei em um dos pontos mais cruciais da arrogância a pretexto de ser convicta e determinada.

— Qual?

— A mais destrutiva forma de arrogância é a fascinação que nutrimos pelas certezas pessoais, especialmente em relação à intenção e conduta alheias. Nesse passo, em diversas personalidades, ela agrega à perspicácia, transformando-se em intransigência, teimosia e autoritarismo, através de manifestações de convicções irredutíveis. Os pontos de vista, os julgamentos e toda idéia definitiva acerca de fatos e pessoas, quase sempre, traduzem o espírito enfermigo do orgulho, a necessidade compulsiva que temos de nos sentir superiores a alguém. Sendo que esse alguém pode ser quem, de alguma maneira, tenha tocado em nossas mazelas interiores e, ainda que sem intenções, fez-nos sentir pequenos, frágeis e desprovidos moralmente.

— Por que agimos assim? – expressou-se Selena completamente absorta pela exposição e admitindo sua imperfeição com sinceridade.

— Porque a essência da arrogância nas relações humanas consiste na disputa sutil para provar quem é o maior. Por essa razão, temos que recorrer à sublime recomendação do Cristo.

E tomando do Novo Testamento leu:

“E chegou a Cafarnaum e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho? Mas eles calaram-se,

porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior. E Ele, assentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos. E, lançando mão de um menino, pô-lo no meio deles, e, tomando-o nos seus braços, disse-lhes: Qualquer que receber um destes meninos em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, recebe não a mim, mas ao que me enviou.”⁽¹⁾

— Parece que continuamos a disputar entre nós, até hoje, quem é o maior, não é mesmo Dona Modesta? – falou Selena com nítida alteração em seu estado de humor.

— Ai de nós, querida amiga, se não verificarmos que apenas iniciamos os primeiros passos de uma longa jornada no bem! Nossa arrogância, qual uma lente de aumento, faz-nos sentir como “campeões do Evangelho” somente porque começamos a dar direção nova às parcas qualidades que possuímos, esquecendo-nos a condição de esbanjadores milenares dos bens celestes, conforme a saga do Filho Pródigo do Evangelho.

— Que dor sinto na alma diante de sua colocação! Creio que, igualmente, tenha falhado com Angélica nesse terreno.

— Melhor assim. É a dor benfazeja do bisturi da verdade, dissecando as espessas camadas da ilusão.

— Mesmo doendo tanto, ainda anseio saber como dominar esse monstro interior.

— *“Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo.”*⁽²⁾ – consultou mais uma vez o Evangelho.

— Servo? Como soa mal essa palavra! Nunca gostei de ouvi-la nos estudos. Para mim tinha o sentido de ser capacho.

— Somente nós que sofremos da doença da arrogância sentimos mal diante dessa palavra. Nela encontra-se a solução para nossos problemas de altivez. Mas esse é um tema que deixarei para sua meditação. Oportunamente retornaremos

a esse aspecto.

— Sua fala alterou-me por dentro. Não me sinto nada bem! Como pode uma simples conversa incomodar tanto?!

— Fale do que sente, Selena!

— Sinto-me muito indigna do amparo que tenho recebido. Um misto de desânimo e desespero apossa-se de minha alma. Uma angústia. Com tanta mediocridade em nossos atos, por que vocês ainda se interessam por nós? Por que Eurípedes ergueu um Lar para cristãos transviados com tanta falácia entre nós, os espíritas? Por bondade?! – falou transtornada.

— Porque o ritmo do universo é o amor, seja em que instância for. Da bactéria ao anjo, a alma da vida é o amor. Compaixão, misericórdia, tolerância e solidariedade são expressões da Bondade Celeste. Juntas, constituem a força de atração para o progresso. Sem esse empuxo, como avançar? Nós, os cristãos em busca da luz da imortalidade, somos os lírios no pântano, a esperança de novos dias. “*Vós sois o sal da terra e a luz do mundo.*”⁽³⁾ Somos depositários de excelsas expectativas. Jamais as cumpriremos sem infinitas doses de tolerância superior e arrimo espiritual.

— Com tanta arrogância, como esperar tanto de nós? – lamentou Selena.

— Filha, precisamos rever muitos conceitos. Em meio ao lodaçal da prepotência, temos uma conquista sem a qual ninguém chega a melhores patamares de evolução.

— Uma conquista?!

— O desejo básico ou desejo-matriz.

— ? – Selena demonstrou não entender.

— A intenção.

— Intenção?

— O que nos faz alvo da amorável complacência dos Planos Maiores é a intenção. É o nosso fio de ligação com a energia cósmica do amor. O mecanismo mental do

arrependimento que conduz a mente ao estado de saturação edifica a intenção nobre. Por ela, auferimos a garantia daquilo que buscamos diante da vida.

— E que relação fazer entre nossa arrogância e a intenção?

— Somos portadores de intenções honestas de melhora. Porém isso não exclui os efeitos da altivez em nossas atitudes. Com as melhores e mais legítimas intenções de acertar, ainda ferimos uns aos outros através de tropeços e embaraços, que resultam em dissidências e dores que gostaríamos de não mais experimentar.

— Preciso ser franca com a senhora. Toma-me um estado íntimo horrível! Uma tristeza intensa! Creio que não dou conta de continuar a conversa.

— O que prevalece nesse momento?

— A depressão toma meu coração. Durante a reencarnação, nunca fui alegre; esperava melhorar meu humor nesse plano. Tenho a impressão que nem sequer levantarei mais desta cama. Neste momento, toma-me uma sensação muito estranha...

— Parecida com...

— Parecida com o que senti em nossa visita ao Centro Espírita Paulo e Estêvão. Suor frio, palpitação cardíaca, idéias desconexas... Parece que parei de sentir...

— Respire fundo!

Após a orientação, Dona Modesta, em estado alterado de consciência, colocou o indicador no peito de Selena, fazendo leves fricções no sentido horário. A paciente respirava com certa dificuldade. A testa lívida, olhares esgazeados. Parecia que iria explodir.

— Agora, Selena, fale o que vem em sua mente.

— Não posso!

— Fale, minha filha. Liberte-se desta angústia! – disse a benfeitora com determinação.

— Eu detesto viver. Eu queria morrer. Deixar de existir. Creio que eu nem exista. Arrependo-me de ter mexido com o Espiritismo. Sei lá, acho que não acredito em nada do que aprendi na doutrina.

— Ninguém morre.

— Eu morri, sim, senhora! Não duvide de mim! Não discuta meus sentimentos. Ou a senhora não acredita no que falo? Será que vão começar a me receber mediunicamente? Só falta essa hipocrisia da vida para completar a minha loucura controlada. Logo eu que fechei as portas para a mediunidade!

— Vá, Selena, fale mais. Não meça palavras nem se preocupe com o vai dizer. Fale!

— Eu amo Angélica demais para merecer tanta desídia. Ela não tem noção da gravidade da situação e fica me recriminando. Agora, certamente, vai formar um complô contra mim. Nunca mais serei lembrada naquela casa. Que ódio... Que ódio...

— Em relação a quê?

— Em relação a tudo. Quero sair desta cama e não consigo. Nossa conversa está sendo horrível. Não gosto da senhora...

— Fale mais!

— A senhora me lembra alguém... Alguém muito má... A senhora estava naquele cenário da França, eu sinto isso. Não sei quem era... Tenho imagens horríveis na cabeça! Que ligação tem com o filho de Catarina? Sei que tem alguma! Então é minha inimiga – Selena fechou os olhos e começou a espumar pelos cantos da boca. Que a senhora quer com Elise? Está interessada em ajudar Angélica, porque sabe que é minha Elise? Eu a detesto, Dona Modesta, eu a detesto, saia da minha frente agora, eu não quero vê-la mais, saia... saia!

Com a ajuda de alguns enfermeiros, aplicaram um passe sedativo, e a paciente foi silenciando o desabafo, caindo em prostração psíquica acentuada. Dona Modesta, com extrema

ternura, limpava-lhe a salivagem abundante. Ela entrou em estado de “epilepsia de desoneração”, um processo de limpeza de “crostas psíquicas”, acumuladas no perispírito, decorrentes de desvios do afeto. Acalmando-se um pouco, foi recostada no leito para se recompor.

— Será medicada, Selena. Não tenha receio. Isso não impedirá de trabalhar, esteja certa! Está se sentindo melhor?

— Estou cansada. Como se estivesse trabalhando há milênios. Evitei os remédios na Terra quanto pude e agora sou obrigada a tomá-los! Que acontece comigo dona Modesta? Enlouqueci? O que foi isso?

— Tome-os sem revolta, minha filha, e agradeça por tê-los à disposição. Por um período de dois meses, você estará em tratamento antidepressivo.

— Ai, Dona Modesta! Está voltando uma sensação ruim. Não me sinto nada bem! Uma ansiedade de realizar misturada com uma preguiça de sair deste leito!

— Fique tranqüila, vai atenuar no correr dos minutos. Tome um pouco desta água – foi servida uma boa dose de água com efusão de magnetismo da natureza.

Passados alguns instantes sem diálogo, Selena, esforçando-se para aproveitar a ocasião, indagou de chofre:

— Por onde começar no futuro?

— Vejo que melhorou! – brincou Dona Modesta, que se manteve em oração à cabeceira da maca. Angélica é nossa esperança de mudança. Por outro lado, muitos daqueles que a apoiaram a decisão impensada de fechar as portas para a mediunidade serão fortes barreiras. São explorados pelos adversários que sitiaram a casa.

— Quem são esses espíritos?

— São fortes inimigos da doutrina, filiados ao *vale do poder*.

— *Vale do poder?*

— Em outro momento, tamanha a delicadeza do tema,

voltaremos nesse assunto...

— Será que nosso centrinho, tão humilde e apagado, tem tanta importância assim para as trevas?

— Não fale assim, minha filha!

— Que temos feito para atrair essa atenção? Qual a razão desse ataque?

— Os motivos podem variar ao extremo. A base é sempre a mesma: segurar o progresso. Alguns casos dessa natureza, como ocorrem no “Paulo e Estêvão”, dão-se em razão de contas pessoais de seus dirigentes.

— Como?!

— Existem duas pessoas lá com graves débitos a saldar... Os adversários sabem disso com minúcias...

— Uma, sou eu, com certeza!

— Não tenha dúvida.

— E a outra é...

— Angélica! – interrompeu Dona Modesta. Além da filha superprotegida na pele de Elise Pyrré, ela consorciou-se com um dos Médicis, a gosto de Catarina, a rainha-mãe. Sua trajetória terminou em deploráveis ações na política interesseira, sob chancela da religião no século XVI.

— Pelo visto, todos nós temos contas com a malfadada “França dos Médicis”...

— Certamente... Os adversários da causa espírita conhecem sobejamente nossos traços egocêntricos. Atuam, excitando o temperamento ao sabor de nossas tendências. A tática é desacreditar-nos uns perante os outros através do leque de atitudes derivadas da arrogância, esfriando as relações e indispondo-nos a conviver e confiar. São criadas as ilhas produtivas. Núcleos de trabalho ativo que se fecham em si e não se abrem para formar um sistema de rede, intercâmbio e solidariedade. E assim se encontra a comunidade espírita ao alcance de sórdidas e planejadas intenções do *vale do poder*...

— E como fazem para nos atingir na prática?

— Apenas insuflam a competição velada, induzindo julgamentos sobre a vida alheia com os quais, através da “maledicência envernizada”, procuramos diminuir uns aos outros. Assim, nascem demandas sutis que estiolam os laços afetivos e detonam os projetos de trabalho. É o exemplo típico do mau uso da perspicácia aplicada para denegrir e destacar deficiências e desvios.

— Que lamentável! A senhora explica, e minha mente voeja em direção ao “Paulo e Estêvão”. Fui um instrumento do mal sem intenção para tal. Como dominar essa nossa arrogância, meu Deus?!

— Você já percebeu a arrogância em alguma pessoa?

— Em muitas pessoas.

— Aquilo que vemos nos outros são reflexos leais do que somos, ou pistas seguras de que temos algo similar dentro de nós. Nossa tarefa de educação consiste em disciplinar nossos impulsos ególatras. Seguir a meta em direção aos mundos melhores nos quais “o homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.”⁽⁴⁾

A conversa corria agradável entre as duas quando bateu à porta do quarto o Professor Cícero, que realizava suas visitas rotineiras.

— Olá! Como vai nossa Selená? – falou com carinho.

— Lutando para melhorar e conhecer a Verdade, professor!

— Esse é o problema de ter uma tutora como Dona Modesta – os três riram da provocação.

— Foi bom o senhor ter chegado, professor. Já estava me retirando para outras tarefas, e a nossa paciente precisa muito de suas palavras confortadoras. O senhor me conhece bem e sabe que a minha língua, muita vez, saltita da boca para fora como um chicote educativo. Sua presença vem em bom momento. Volto quando puder, minha amiga. Cultive o

otimismo, pois a vida a espera com muito labor.

— Obrigada, Dona Modesta. Que fique claro o quanto adorei suas “chicotadas”... Ainda que elas não tenham sido suficientes para expelir minha arrogância!

— Ah! Quase me esqueci de algo importante! – regressou Dona Modesta como se captasse nas “ondas do universo” algo de valor para a ocasião.

— Mais chicotadas? – brincou Selenia.

— Apenas uma lembrança para que suas meditações tenham maior alcance. Nunca, em tempo algum, passou pelo coração e pela mente de Angélica tomar o seu espaço de trabalho. Ela lhe tributa um enorme carinho e reconhecimento.

— Mais uma vez, não sei se estou aliviada, ou se me culpo por saber disso.

— Apenas medite, minha filha! E no que tange aos semelhantes, guarde este ensino: com raríssimas e honrosas exceções, costumamos trazer para cá os juízos que deles fizemos, que, inevitavelmente, são construídos a partir de nossas próprias imperfeições e pela natural incapacidade de avaliarmos com fidelidade as intenções alheias e sua história particular de evolução.

— Sinceramente, creio que errei largamente em relação à Angélica.

— Não se esqueça de que a pior atitude de arrogância é a de colecionar certezas sobre a vida, sem reciclá-las conforme o ritmo evolutivo de nossa *humanização*. A solução vem da capacidade de servir. Aquele que se fizer o servo de todos será o maior na obra do Cristo.

(1) Marcos 9:33 a 37.

(2) Mateus, 20:26.

(3) Mateus, 5:13 e 14.

(4) O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo III, item 10.

Horizontes Mentais

“Crer em Deus e na vida futura é, conseqüentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idêntica a realidade do presente.”

Obras Póstumas, O Egoísmo e o Orgulho, estudo feito por Allan Kardec

Tão logo a servidora do Cristo saiu, foi a paciente, um tanto refeita, quem puxou o diálogo.

— Estou demasiadamente surpresa com os assuntos da mediunidade. O senhor tem conhecimento do meu caso?

— Trabalhamos em equipe, Selenia. Doutor Inácio, Rosângela, Dona Modesta e mais alguns trabalhadores estudaram com afinco sua ficha antes mesmo de sua chegada aqui. Sabendo que viria para cá, preparamo-nos todos para o mister de orientá-la.

— Professor, uma perguntinha bobá, não tem ninguém que esteja bem neste Hospital?

— O que é estar bem? Talvez os que trabalhem por amor estejam enquadrados nessa definição. Nós outros, os que carecemos do serviço para crescer e se libertar a caminho da vivência do amor, estamos buscando ficar bem. Já estará muito bom quando o trabalho for nosso principal patrimônio. Concorda?